

GRAVURAS RUPESTRES REGISTRADAS NO PROJETO DE PESQUISA ARQUEOLOGIA ENTRE RIOS: DO URUSSANGA AO MAMPITUBA

Hérom Silva de Cezaro¹

Jessica Ramos Ferreira²

Marcos César Pereira Santos³

Jairo José Zocche⁴

Juliano Bitencourt Campos⁵

Resumo

Este artigo tem por objetivo relatar as análises preliminares dos sítios Arqueológicos de Arte Rupestre “Malacara I” e “Toca do Tatu”, localizados na área abrangência do projeto de pesquisa Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba, buscando contribuir para o entendimento da cultura material deixada pelos povos pré-históricos do extremo sul catarinense.

Palavras-chave: Arte Rupestre, Paleotocas, Sul Catarinense, Tradições Rupestres.

Abstract

This article aims to report the preliminary analysis of the archeological sites of rock art "Malacara I" and "Toca do Tatu", located on the research area of the project entitled "Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba", in an attempt to contribute to the understanding of culture left by prehistoric peoples of the southern of Santa Catarina state.

Keywords: Rock Art, Paleotocas, Southern Santa Catarina, Traditions Rupestres.

¹ Graduado em História Licenciatura e Bacharelado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

² Bolsista de Iniciação Científica/ PIC 170/ UNESC e Graduanda em História Licenciatura da UNESC – Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

³ Mestre em Arqueologia Pré-histórica e Arte Rupestre, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Instituto Politécnico de Tomar-Portugal. Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território.

⁴ Doutor em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Coord. Laboratório de Ecologia de Paisagem e de Vertebrados, Prof. Do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

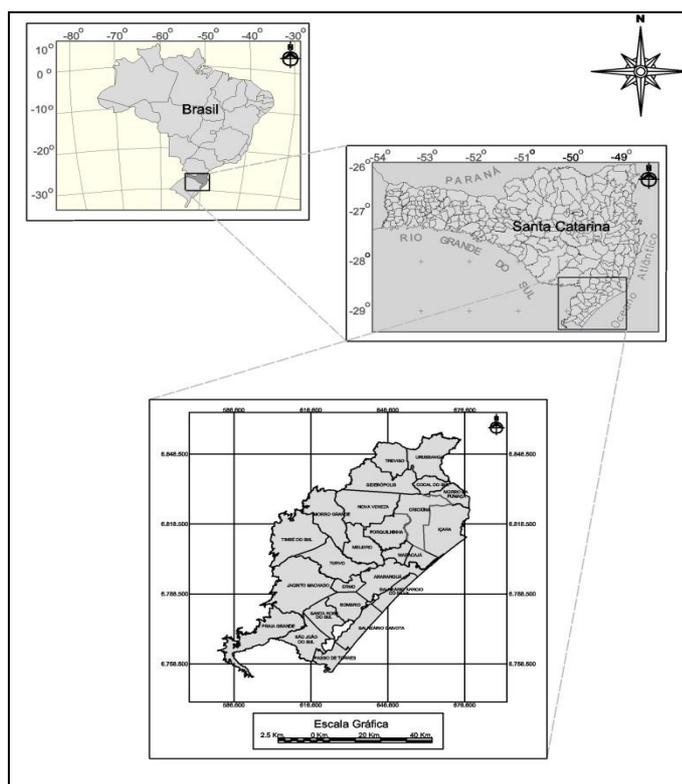
⁵ Doutorando em Quaternário, Materiais e Cultura, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Mação, Portugal. Professor do Curso de História da UNESC na disciplina de Ensino e Pesquisa em Arqueologia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada de Território. Coordenador do Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

O Projeto Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba

O projeto de pesquisa “Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba”, desenvolvido pelo grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território, da Universidade do extremo Sul Catarinense, concentra estudos em uma área de 4800 km² (80 x 60 km) (Figura 1), localizada no extremo sul de Santa Catarina, entre a foz dos rios Urussanga e Mampituba e entre o Oceano Atlântico e os Aparados da Serra.

Tem por objetivo reunir em uma base cartográfica georreferenciada, dados bibliográficos, de pesquisas prospectivas geradas pela arqueologia de contrato e pela pesquisa científica, na tentativa de contribuir para o entendimento da ocupação humana pré-histórica e subsidiar o gerenciamento integrado do território no extremo sul catarinense.

Figura 1: Mapa de localização do Projeto Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba – Santa Catarina - SC.



O uso e o manejo dos recursos naturais pelos grupos humanos pré-históricos resultaram em uma gama de vestígios que são encontrados no território do extremo sul

catarinense em campos, florestas, vales dos rios e lagoas, os quais revelam em parte o cotidiano de tais grupos (CAMPOS et al., 2013). Atualmente tem-se registrados para a área em questão, 115 sítios pré-históricos, dos quais 44 são associados aos grupos caçadores-coletores, 16 ao grupo dos sambaquianos, 52 aos grupos ceramistas, dois sítios de arte rupestre e um abrigo sob-rocha com enterramento associado (CAMPOS et al., 2013).

POVOAMENTO DO SUL DO BRASIL

Fazendo parte da ocupação indígena da América do Sul, o oeste catarinense foi provavelmente a região precursora do processo de povoamento da região sul do Brasil. Ele foi povoado junto com o restante do subcontinente meridional, em tempos diferentes e em movimentos de diversas procedências (SCHMITZ, 2011).

A cronologia para as populações que viviam ao longo do rio Uruguai datam de aproximadamente 11 a 12000 anos atrás e procedem do médio rio Uruguai, no Rio Grande do Sul. Posteriormente, o litoral, em face dos amplos recursos alimentares de que dispunha, teria servido como polo de atração, abrigando populações diversificadas e por um longo período de tempo (MILLER, 1987 apud SCHMITZ, 2011). O povoamento no litoral iniciou-se, provavelmente, há cerca de 3000 AC. estendendo-se, praticamente, até a chegada dos grupos europeus. Os grupos humanos pescadores e coletores, pré-ceramistas, foram substituídos por grupos ceramistas, talvez agricultores, por volta de 1000 AD (SCHMITZ, 2011).

Com a chegada dos europeus, o fluxo de povoamento do litoral foi interrompido. Com a exploração de mão de obra dos indígenas, feita pelos europeus, a população associada a grupos Guarani que vivia no litoral foi aniquilada. Mas, no restante do território catarinense que também é caracterizado por vales e serras, a mata sub-tropical, tornou-se um obstáculo para os europeus e suas empreitadas escravocratas. E com essas transformações, segundo Santos (1973), na região de florestas e campos, encostas e planalto permaneceram dois grupos étnicos: os Xokleng e os Kaingang (SCHMITZ, 2011).

OS XOKLENG E KAINGANG

Segundo Schmitz e Beber (2011) os índios Kaingang estão presentes no estado catarinense e deixaram marcas indeléveis em nomes de conhecidas localidades, como Xaxim e Xanxêre. Junto com o grupo indígena Xokleng (Figura 2), os Kaingang também são conhecidos etnologicamente como Botocudos e constituem o grupo linguístico denominado Jê Meridional. Borba (1882 apud SCHMITZ, 2011) introduziu o nome Kaingang para designar todos os índios não pertencentes à família linguística Tupi-Guarani do Sul do Brasil e essa denominação predomina até hoje.

Figura 2: Grupo Indígena Xokleng.



Fonte: Santos (1997).

A origem do grupo linguístico Macro Jê é atribuída pelo linguista Greg Urban ao Planalto Central Brasileiro (URBAN, 1992 apud SCHMITZ, 2011). De acordo com Schmitz (2011), a partir do planalto central, os grupos étnicos pertencentes ao Macro Jê teriam começado a se dispersar, deslocando-se um grupo em direção ao Sul, há cerca de 3000 anos. Na lenta ocupação do território, diversificado ambientalmente, eles não apenas se distinguiram e se separaram, mas formaram cinco dialetos regionais; os dois mais antigos estão localizados no Rio Grande do Sul, o terceiro em Santa Catarina, o quarto no Paraná e o mais recente em São Paulo (WIESEMANN, 1872 apud SCHMITZ, 2011). E assim, com a vinda para o sul, a transformação das vestimentas e outros materiais ocorreram em função do clima frio da região sul.

Considerando que a chegada dos Xokleng e Kaingang é antiga, e que não deixaram escritos diretos, uma das formas possíveis de estudá-los é através da cultura material, como por exemplo, a arte rupestre.

A ARTE RUPESTRE NO EXTREMO SUL DO BRASIL

Segundo Prous (2007) a região sul do Brasil é talvez uma das mais conhecida e estudada pelos Pré-historiadores, no entanto, no que concerne a Arte Rupestre, o conhecimento sobre os seus sítios é diminuto em relação às outras regiões do Brasil. As características dos sítios arqueológicos e os motivos rupestres diferem dos encontrados em outras regiões do continente, onde a pintura predomina. Em Santa Catarina, os sítios arqueológicos localizam-se na encosta do Planalto Meridional Sul-Rio-Grandense, no Litoral e no Planalto de Lajes (PROUS et al., 2007).

O autor op. cit destaca ainda que o fato da região sul do Brasil apresentar poucas pinturas rupestres, pode ser causado pela pouca inclinação que tais povos, pré-históricos, tinham em gravar ou pintar em matacões e paredões. E também, pelo tipo de formação geológica característica da região sul, que é formada por gnaisses ou granitos, com ocorrência de diques de diabásio e por grandes derrames basálticos que penetraram os arenitos metamorizados, pouco propícios ao desenvolvimento de grutas e abrigos.

Ainda de acordo com Prous et al., (2007, pag. 146):

De certa forma, essas características poderiam ser a razão da região sul do Brasil apresentar poucos exemplares de arte ou que pode ser apenas um remanescente de um grande conjunto existente do passado.

TRADIÇÃO⁶ MERIDIONAL DE PISADAS

Ao longo da encosta do Planalto Meridional, encontram-se gravuras em lajes e matacões isolados a céu aberto, além de alguns paredões verticais em pequenos abrigos. Destacam-se nesses sítios uma quantidade variável de figuras que evocam rastros de animais. A maioria dos grafismos sugerem “pisadas” de aves (três traços divergentes),

⁶ Segundo Martin (2008, p. 234) o conceito de tradição compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transformado durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes.

havendo “rastros” de porco-do-mato e veado (dois traços curtos e paralelos) (PROUS, 2007).

Além de “pisadas” de animais, observam-se nos sítios sul-rio-grandenses grafismos geralmente compostos por traços retos, paralelos ou cruzados, formando grades ou alinhamentos de pequenas depressões hemisféricas. As gravuras foram realizadas por incisão ou picoteamento em suportes areníticos, posteriormente raspadas e polidas. Em alguns abrigos, restos de tinta – geralmente preta, mas também branca ou vermelha – permanecem nos sulcos. Gravuras similares são encontradas até as terras baixas do sul da Bolívia, onde as “pisadas de aves” transformam-se, às vezes, em “vulvas” (PROUS, 2007).

TRADIÇÃO DO LITORAL

Segundo Gaspar (2003) no estado de Santa Catarina, desde Porto Belo até o farol de Santa Marta (Laguna - SC) encontram-se gravuras rupestres. Prous (1992) destaca que, os painéis, todos gravados e de acesso difícil, por vezes perigoso, estão localizados exclusivamente em ilhas, até quinze quilômetros distantes do continente, e se orientam para o alto mar. Nem todas as ilhas do litoral centro-catarinense foram decoradas, mas somente algumas, regularmente separadas por distâncias de 20 a 25 km, como se cada uma delas correspondesse ao ponto ‘ritual’ marítimo de uma etnia continental.

Prous (1992) determinou a existência de quatorze temas, dos quais dois de biomorfos (representação humana duvidosa) muito pouco representados e bem geométricos, e doze tipos puramente geométricos. Cada sítio apresenta onze temas; alguns tipos são privativos das ilhas mais meridionais, outros das ilhas setentrionais, o que deve permitir estudar a difusão de influências.

Ainda segundo Prous (1992, p. 152):

As gravações, polidas no granito, têm até três centímetros de profundidade, mas podem ter sido mais profundas, já que a erosão deve ter desgastado as paredes, diretamente expostas ao intemperismo marítimo. Os traços têm até quatro centímetros de largura. Esta tradição, muito bem limitada, pois é encontrada só no litoral catarinense, e os únicos já conhecidos no litoral Brasileiro, não podem ser comparados com nenhum outro conjunto rupestre conhecido atualmente; trata-se certamente de uma criação local.

TÉCNICAS DE MANUFATURA

Uma das questões concernentes ao estudo arqueológico da Arte Rupestre no âmbito da Pré-história liga-se ao modo de realização da mesma, buscando compreender o contexto em que foi feita, o motivo das escolhas dos suportes rochosos e os gestos e técnicas empregados em sua confecção, sendo que, a Arte Rupestre Brasileira está representada basicamente por duas técnicas distintas: a Pintura e a Gravura. Os estilos variam desde os mais naturalistas até os emaranhados de linhas abstratas (AGUIAR, 2002).

As técnicas empregadas na manufatura das pinturas pré-históricas consistem desde o preparo dos pigmentos extraídos de material orgânico até a aplicação do mesmo sobre algum suporte rochoso e as técnicas de aplicação do pigmento são as mais variadas desde a utilização de “pincéis” (dedos, lâminas de madeira ou espátula de pedra), a estampa (semelhante a um carimbo) e a aspersion, quando a tinta é aplicada mediante a pulverização (AGUIAR, 2002).

Sobre as Gravuras o mesmo autor cita que as técnicas de manufatura encontradas no Brasil variam desde o Picoteamento – que consiste em martelar o suporte com uma pedra (mais resistente) criando formas de fundo rugoso, o Polimento – técnica que consiste em criar superfícies lisas e eventualmente brilhantes através da fricção de materiais em cima do plano de trabalho, e as Formas Incisas ou a Abrasivas – que são obtidas quando se esfrega na rocha materiais com gume agudo – criando sulcos estreitos e profundos. Eventualmente as gravuras também poderiam ser pintadas.

O SITIO DE ARTE RUPESTRE DO RIO MALACARA I

O registro do sítio foi efetuado em um afluente da margem esquerda do rio Malacara (Figura 3), localizado no cânion denominado Malacara, município de Praia Grande (Datum WGS84, UTM 22J 602078 E – 6769738 N, coordenadas da sede do município, altitude de 45 m), sul de Santa Catarina, Brasil (CAMPOS et al., 2012).

Na área correspondente ao município de Praia Grande afloram rochas sedimentares e vulcânicas, constituindo a sequência da borda leste da Bacia do Paraná, e sedimentos inconsolidados, que formam depósitos aluviais atuais (WHITE, 1908). No

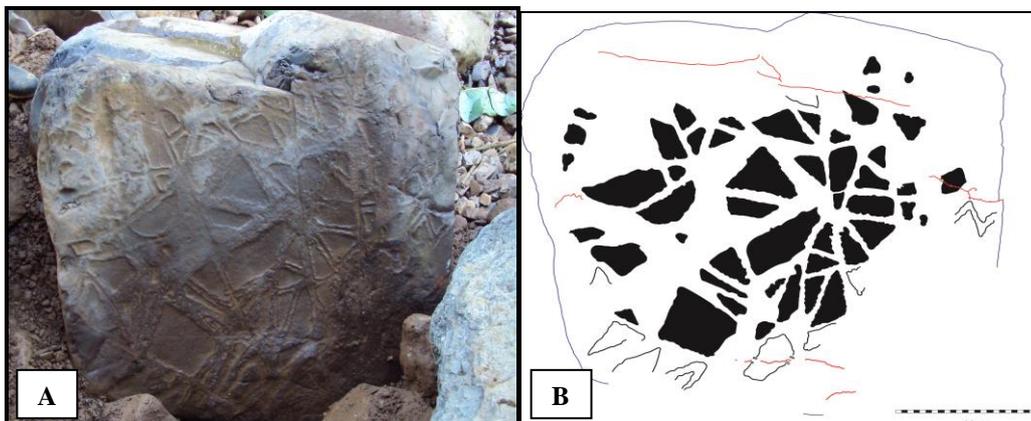
local do registro ocorrem as Formações Geológicas Botucatu e Serra Geral, que são unidades lito-estratigráficas da sequência da Bacia do Paraná, porém, o território do município é caracterizado também pela presença de litologias resultantes de depósitos Cenozóicos (depósitos de leques aluviais), não ocorrendo afloramentos do embasamento cristalino (KAUL, 1990), sendo denominado de Arenito São Bento (WHITE, 1908).

AS GRAVURAS

Segundo Campos et al. (2012) as gravuras (Figuras 3) foram realizadas em um bloco de basalto, que se encontra disposto no leito do rio Malacara, cuja porção aparente apresenta forma ligeiramente retangular com aproximadamente 1,20 x 0,90 m em sua face maior e 0,80 m de profundidade.

O sítio de arte rupestre Malacara I está localizado no entroncamento de duas tradições rupestres descritas para o extremo sul do Brasil por André Prous e Niède Guidon (1992) (Tradição Geométrica Meridional e Tradição Litorânea). A arte registrada apresenta uma série de gravuras com formas geométricas e linhas em ziguezague. As técnicas de manufaturas analisadas estão classificadas como picoteamento seguido de polimento apresentando um misto de similaridades em suas formas morfológicas (Figuras 4 e 5).

Figura 3: A) Gravura Rupestre – Malacara – Praia Grande – SC; B) Levantamento da Gravura Rupestre-Malacara – Praia Grande – SC.



Fonte: Dos autores.

Figura 4: A) Gravura Rupestre da Tradição Meridional – Morro do Avencal – Urubici – SC.



Fonte: Dos autores.

Figura 5: A) Gravura Rupestre da Tradição Litorânea – Ilha do Arvoredo – Florianópolis – SC.



Fonte: Acervo Fotográfico de Keler Lucas.

SITIO DE ARTE RUPESTRE DE TIMBÉ DO SUL – ‘TOCA DO TATU’

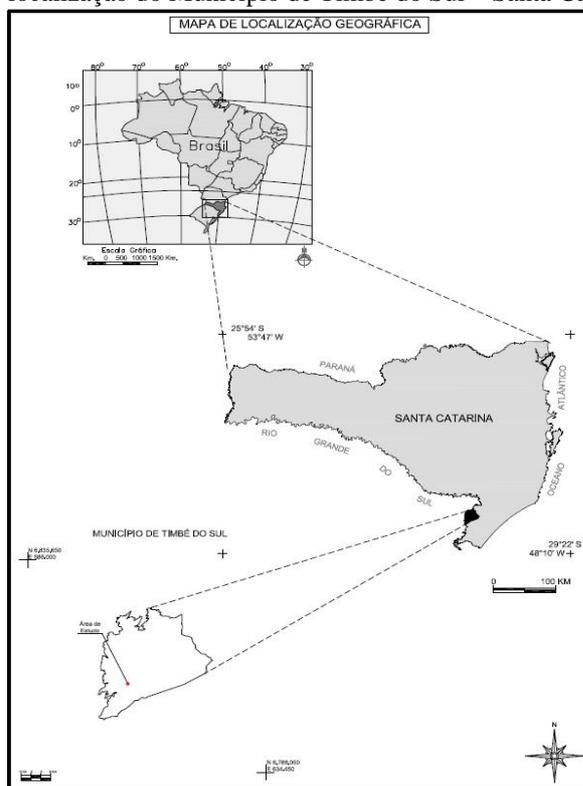
Localização

O Registro do sítio Arqueológico de Arte Rupestre da Toca do Tatu foi efetuado pelo grupo de pesquisa do Projeto Paleotocas⁷, que busca fazer o registro das paleotocas existentes no Sul do Brasil. A caverna conhecida como "Toca do Tatu" (28 ° 46'21 .2" S, 49 ° 53'45 .9" W), localizada no município de Timbé do Sul (Figura 6), estado de Santa Catarina, tem uma dimensão total de 48,5 metros e é composta por dois túneis quase paralelos que se convergem para um espaço maior dentro da caverna (FRANK et

⁷ O Projeto Paleotocas é uma iniciativa de um grupo de professores de várias universidades e instituições de pesquisa brasileiras que se propõe a estudar as paleotocas na Região Sul do Brasil. Participam pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (UNESP/SP), da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB/RS), da Fundação Universidade de Rio Grande (FURG/RS), da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), da Universidade de São Paulo (USP/SP) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Cf.: <http://www.ufrgs.br/paleotocas/Portugues.htm>.

al., 2002). A caverna está localizada em uma encosta íngreme voltada para SW, aproximadamente 100 m da margem esquerda do rio que flui no fundo do cânion e a uma altitude entre 20 e 30 m mais elevada que o rio.

Figura 6: Mapa de localização do Município de Timbé do Sul – Santa Catarina - SC.



Fonte: IPAT/UNESC.

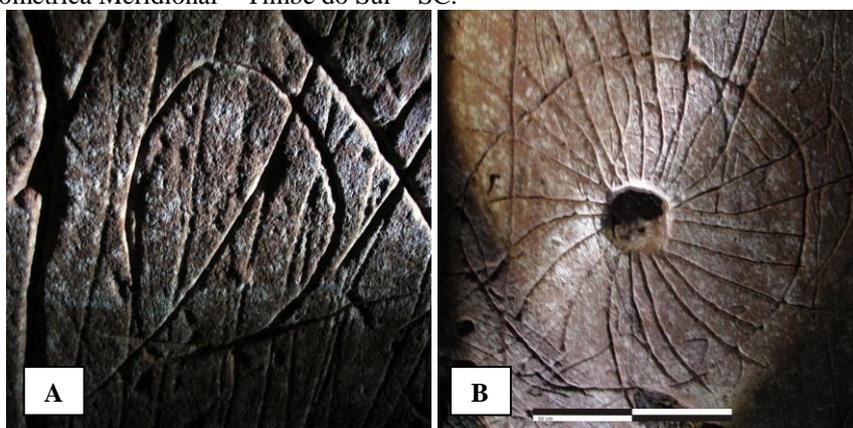
A morfologia geral da caverna e as marcas de garra localmente abundantes nas paredes demonstram que a caverna teve sua origem como abrigo escavado provavelmente por preguiças gigantes durante o Cenozóico (FRANK et al., 2002). Nas zonas eufóticas e disfóticas dos dois túneis há mais de 35 m² cobertos por grafismos rupestres de mais de sete geometrias distintas, demonstrando a posterior reocupação ocasional da caverna por povos pré-colombianos.

As Gravuras

A toca do Tatu apresenta uma série de gravuras rupestres (linhas em ziguezague, formas geométricas, linhas retas) dispostas nos túneis que a compõem. Essas gravuras estão classificadas dentro da tradição Geométrica Meridional já descrita para a região Sul do Brasil, pois apresentam similaridades na sua tipologia morfológica e estilística.

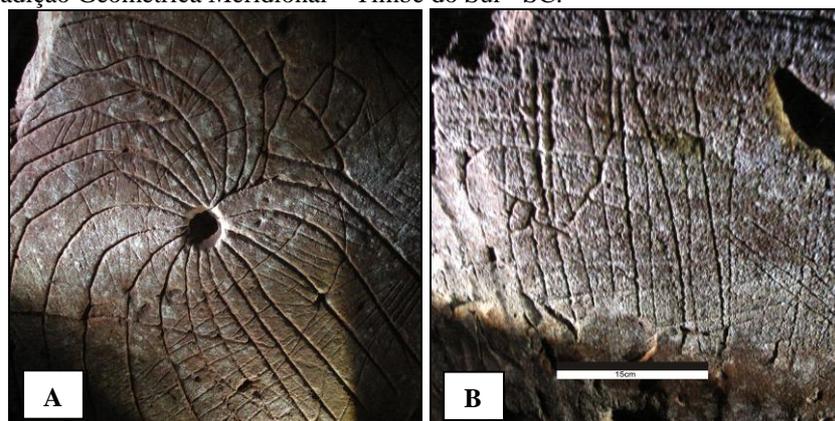
As gravuras apresentam sulcos finos que são formados por ranhuras contínuas com larguras e profundidades aproximadamente iguais (Figuras 7 e 8), mais comumente ao redor de 5 mm. Largura e profundidade são notavelmente constantes ao longo dos sulcos. As paredes dos sulcos, ao invés de levemente côncavas como nos sulcos largos, são retas, havendo uma aresta aguda ao longo do fundo do sulco. Os sulcos finos sempre exibem superfícies brancas e formam desenhos geométricos. Em vários casos há dois ou mais desenhos sobrepostos (FRANK et al., 2002). Este tipo de sulco concentra-se nos 11 metros iniciais do Túnel Norte, onde cobre pouco mais de 35 m² das duas paredes e do teto. No Túnel Sul há apenas alguns sulcos isolados.

Figura 7: A) Imagem parcial da Gravura ⁸– Toca do Tatu – Timbé do Sul – SC; B) Gravura Rupestre - Tradição Geométrica Meridional – Timbé do Sul – SC.



Fonte: Autores.

Figura 8: A) Imagem parcial (detalhe) da Gravura – Toca do Tatu – Timbé do Sul – SC; B) Gravura Rupestre - Tradição Geométrica Meridional – Timbé do Sul - SC.



Fonte: Autores.

⁸ Por algumas Gravuras apresentarem grandes dimensões, optamos por utilizar imagens em detalhe que destacassem algumas características que entendemos serem relevantes para as pesquisas.

As gravuras em ziguezagues são formadas por uma união de sulcos oblíquos de orientação alternada. Os sulcos possuem comprimentos individuais entre 10 – 17 cm. Há quatro destes alinhamentos nas paredes e no teto do Túnel Norte e sua continuidade se dá por extensões de até 3 metros. Os alinhamentos, quando nas paredes, são levemente arqueados para cima (FRANK et al., 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto de Pesquisa intitulado “*Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba*” abre uma gama de possibilidades de estudo em arqueologia para o extremo Sul Catarinense, com problemáticas que visam compreender as lacunas deixadas pelos povos pré-históricos da região. Na perspectiva de buscar responder algumas questões, a arte rupestre se encaixaria no que, segundo Parellada (2003), além de ser uma expressão notável da simbolização dos grupos humanos, ela é capaz de refletir a identidade cultural das populações que as produzem, e também definem o seu território, abrindo assim um leque de possibilidades de interpretação.

Através das análises preliminares do sítio Malacara I podemos observar que as gravuras encaixam-se num misto das tradições rupestres descritas para o sul (Tradição Geométrica Meridional e Tradição Litorânea), pois apresentam morfologia e técnicas similares às duas tradições, levando a crer que poderiam ter ocorrido trocas culturais entre os povos pré-históricos, ou que caracterizam uma evolução estritamente regional. Schmitz et al., 2009 supõem ainda que “os grupos, que vem sendo chamados de antepassados dos Jê Meridionais [...] facilmente se associavam com populações de outras culturas ou tradições tecnológicas, que viviam no mesmo território e com as quais entravam em contato”. As análises técnicas revelaram a hipótese do emprego do picoteamento e polimento na confecção das gravuras.

O caso do Sítio Toca do Tatu observamos através da análise superficial do sítio que as características das gravuras se enquadrariam estilisticamente e morfologicamente dentro do conjunto da tradição Meridional, no que, segundo Schmitz (2007), nos sítios sul-rio-grandenses, os grafismos são geralmente compostos por traços retos, paralelos ou cruzados, formando grades ou alinhamentos de pequenas depressões hemisféricas. As gravuras foram realizadas por incisão ou picoteamento em suportes areníticos.

Os novos dados apresentados neste artigo, referentes ao Sítio Malacara I e Toca do Tatu sugerem que ainda há uma diversidade de sítios com arte-rupestre em Santa Catarina a serem descobertos. Os novos registros permitirão uma análise mais detalhada, levando a possíveis definições de territórios pré-históricos, assim como possibilitarão responder a complexidade que permeia a cultura pré-histórica e as suas relações sociais no Extremo Sul Catarinense. Desta forma, é fundamental a realização de prospecções mais amplas e levantamentos sistemáticos em mais sítios, que possam gerar dados comparativos que aprimorem a compreensão e reconhecimento dos conjuntos culturais e sua cronologia, bem como a sucessão e a diversidade de grupos pré-históricos que de certa forma ocuparam o que hoje seria o território sul Catarinense.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo L. S de. **Manual de Arqueologia Rupestre**: uma introdução ao estudo da arte rupestre na ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. Florianópolis: Ed. Iodes, 2002.

Arqueologia da Caverna. Disponível em: <<http://arqueologiadecaverna.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 de abr. 2013.

CAMPOS, Juliano Bitencourt et al. As gravuras Rupestres do Projeto Encosta da Serra no Sul do Estado de Santa Catarina. **ARKEOS**, Portugal, v. 1, n. 32, p. 121-132, setembro 2012.

CAMPOS, J. B.; ROSA, R. C.; RICKEN, C.; SANTOS, M. C. P.; ZOCHE, J. J.. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.

CAVALCANTE, T. L. V. As pegadas de São Tomé: Ressignificações de Sítios Rupestres. **Revista de Arqueologia**. Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, v. 21, p. 121-137, 2008.

CEZARO, H. S.; BRAGA, A. S.; SANTOS, M. C. P.; ZOCHE, J. J.; CAMPOS, J. B. A arte rupestre do Extremo Sul Catarinense: O caso do sítio Malacara I Santa Catarina Brasil. **Revista de Tecnologia e Ambiente**, v. 17, p. 133-149, 2011.

COMERLATO, F. **Representações rupestres do litoral de Santa Catarina**. 2005. 187 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma Civilização Antiguíssima**. João Pessoa: A União, 1994.

FRANK, Heinrich Theodoro et al. The Complex History Of A Sandstone Hosted Cave In The State Of Santa Catarina, Brazil. **Espelo-Tema**, Campinas – SP, v.23, n. 2, p. 87-101, 2012.

FOSSILIS on line. Disponível em: <http://grupofossilis.com/colunas/?page_id=118>. Acesso em: 25 de set. 2012.

GASPAR, Madu. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

GOMES, Cinara de Souza. **As Representações geométricas e zoomorfas da Tradição Planalto: a arte nos Campos Gerais**. Curitiba: Secretária de Estado da Cultura, 2011.

GOURHAN-LEROI, André. **As religiões da Pré-História**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1964.

KAUL, P. F. T. Geologia. In: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Geografia do Brasil - Região Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p. 29-54.

MATTOS, Anibal. **A Raça de Lagoa Santa**. São Paulo: Nacional, 1941.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste Brasileiro**. 5 ed. Pernambuco: Ed da UFPE, 1997.

NOELLI, F S. “Sem tekoha não há tekó” **Sem terra não há cultura**. 381 f. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História/PUCRS, Porto Alegre. 1993.

PARELLADA, C. I. Pinturas rupestres no centro-leste e nordeste paranaense. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 12, 2003. **Anais...** São Paulo: SAB. 2003.

_____. A arte rupestre no Paraná. **R. Cient./FAP**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2009.

Projeto Paleotocas. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/paleotocas/Portugues.htm>>. Acesso em: 16 de jul. 2013.

PROUS, A. et al. Documents pour la Prehistoire du Brésil Meridional - 2. L'etat de Santa Catarina. **Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud**. Paris: École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. 4, 1977, p. 1-178.

_____. Arte Rupestre Brasileira: Uma Tentativa de Classificação. **Revista de Pré-História**, São Paulo, USP, v. 7, p. 9-33, 1989.

_____. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

_____. **O Brasil Antes dos Brasileiros: a pré-história do nosso país**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PROUS, A. et al. **Brasil Rupestre**, A Arte Pré Histórica do Brasil. Curitiba: Ed Zencrane livros, 2007.

RIBEIRO, Loredana. A Arte rupestre da Serra Geral de Monte Alto - Bahia: Relatório Técnico. 2007.

ROHR, J. A. **Contribuição para a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 1950. In: ANAIS CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, 1, Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1950, vol. 2.

_____. Petroglifos da Ilha de Santacatarina e Ilhas Adjacentes. **Pesquisas**, 1969.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Os Índios Xokleng**: memória visual. Itajaí: Ed. da UFSC, 1997.

_____. **Índios e Brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; CARBONERA, Mirian (Orgs.). **Antes do Oeste Catarinense**: arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Argos, 2011.

_____. Pedro Ignácio et al. Taió, no vale do Rio Itajai, SC – O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. **Pesquisa, Antropologia**, 67, São Leopoldo: IAP – UNISINOS. 2009, p. 185-320.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; CARBONERA, Mirian. **Antes do Oeste Catarinense**. Chapecó – SC: Argos, 2011, 365 p.

_____. Pedro Ignácio. **De Pedras e Homens**. In: PROUS, A. et al. **Brasil Rupestre**, A Arte Pré Histórica do Brasil. Curitiba: Ed Zencrane livros, 2007. p. 106 – 108.

SILVA, S. B. da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang**: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. 2001. 366 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

WHITE, I. C. **Relatório Final da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Produção Mineral, Parte I, 1908. p. 1- 300.